

# O que o abandono da pauta de diversidade e inclusão nos diz?



» JACQUES PAES  
Especialista em projetos e professor do MBA de ESG e Sustentabilidade da FGV

Nem toda narrativa é um fato. Nem todo fato vira narrativa. Enquanto o leão não aprender a escrever, a história do caçador será sempre exaltada, diz o ditado. Amazon, Meta e Alphabet têm acesso e controlam mais dados e informações do que todos os sistemas ditatoriais da nossa história moderna juntos. Essas empresas, com Disney, McDonald's, Walmart, Boeing, entre outras tantas, estão abandonando suas políticas de diversidade e inclusão. Mas por quê?

Uma leitura apressada pode apontar para cortes de custos, tempos de incerteza ou pressões de investidores. No entanto, seria ingênuo parar por aí. A narrativa do abandono dessas pautas carrega um profundo significado simbólico e ideológico. Afinal, por que justamente essas empresas, que moldam tanto a nossa realidade, estão retrocedendo em políticas que, em tese, representam progresso social? Talvez nunca tenha havido um compromisso genuíno com a diversidade, mas apenas um esforço para cumprir expectativas de mercado e mitigar riscos reputacionais. Ou talvez a diversidade tenha sido cooptada e esvaziada de seu potencial e, finalmente, descartada.

A narrativa de Ulisses, arquétipo do herói que venceu todo tipo de adversidade, rompeu as barreiras do tempo e se tornou a base para histórias na cultura moderna. De heróis a comédias, sempre há uma adversidade a ser superada que impacta vidas e destinos, e quase sempre há algo ou alguém a ser salvo, incapaz de salvar-se a si.

Adversidades catalisam a diversidade; a necessidade de superá-las leva à valorização da diversidade, que, por sua vez, reúne múltiplas perspectivas e abordagens. Ambas são moldadas por narrativas, pois a mente humana se organiza por meio de histórias — ou estórias — para dar sentido ao mundo. Daí surge o storytelling, uma narrativa ferrenha que cria significado, empatia e conexão social. No final, somos contadores de histórias, e isso nos ajuda a viver em sociedade.

Jerome Bruner, pioneiro da psicologia cognitiva, definiu o pensamento narrativo como uma forma de organizar o conhecimento, distinta do pensamento lógico-científico. Ele interpreta experiências, imagina realidades e cria histórias para organizar o pensamento. Contudo, nas mãos do poder, narrativas deixam de ser instrumentos de libertação e passam a ser ferramentas de controle. Assim, a diversidade corporativa, em vez de ser um ato genuíno, tornou-se uma história conveniente, moldada por quem detém o poder.

A queda da diversidade não se deve a ela mesma, mas às narrativas que a esvaziaram. Uma onda de abandono de uma pauta não nos diz que a pauta é o erro, mas, talvez, como a narrativa foi construída e defendida. O que deveria ser uma prática inclusiva foi institucionalizado, convertido em métricas e discursos descolados de uma possível realidade, e reduzido a instrumento de marketing e relações públicas. O abandono atual reflete não uma falha intrínseca da diversidade, mas uma narrativa mal construída, que a transformou em mais uma engrenagem do mercado. Não se pode negar, no entanto, a subjetividade das questões culturais, pois ela é uma esfera de liberdade e crítica, e não um instrumento para justificar qualquer tipo de controle ou subordinação.

A cultura de massa foi transformada em uma ferramenta de controle ideológico,

absolutizando uma racionalidade e excluindo a subjetividade que a compõe. A razão, que deveria libertar, tornou-se instrumento de opressão. Foi o que disseram Adorno e Horkheimer em 1940, ao analisar as contradições do projeto de esclarecimento (ou iluminismo, em termos mais atuais) e seu impacto na sociedade. Curioso, não?

Vemos agora uma narrativa perigosa emergir: a ideia de que o abandono da diversidade é o prenúncio do colapso do ESG como um todo — uma distorção conceitual. Diversidade e governança são pilares interligados no ESG; a governança deveria assegurar que a diversidade fosse tratada com seriedade, definindo limites claros para a gestão, mas ela tem cedido às lógicas de controle e subordinação, permitindo que a diversidade seja reduzida a mais um elemento descartável no arsenal corporativo. O que deveria ser um compromisso genuíno tornou-se um instrumento de distorção cultural, um reflexo de subordinação disfarçado de estratégia e enfraquecido por aqueles que controlam as narrativas.

No Brasil não há, oficialmente, um abandono das pautas de diversidade e inclusão, mas há sinais de enfraquecimento. A prioridade dessas iniciativas caiu de 24% em 2019 para 18% em 2022, como mostra a pesquisa do Great Place to Work (GPTW), que apontou também a falta de maturidade das empresas para sua implementação e que outros temas têm as colocados em segundo plano.

O abandono da diversidade não é apenas mais uma decisão corporativa. É um reflexo de como narrativas podem ser manipuladas para servir ao poder. O problema não está na pauta, mas na história que foi contada sobre ela — e naqueles que a contaram. Entender gestão é entender o comportamento humano e como os valores são negociados no contexto organizacional.



## Todo carnaval tem seu fim. As drogas, não



» ALAOR CARLOS DE OLIVEIRA NETO  
Médico psiquiatra, coordenador do Serviço de Psiquiatria do Hospital Alemão Oswaldo Cruz

Vinte de fevereiro é reconhecido como o Dia Nacional de Combate às Drogas e ao Alcoolismo, dedicado à conscientização sobre os perigos do uso de drogas e do álcool. E não é para menos: estamos falando de uma data próxima às festividades carnavalescas. Todavia, enquanto todo carnaval tem seu começo, meio e fim para a população geral, o problema do consumo de drogas lícitas e ilícitas, não.

Uma pesquisa da Fiocruz revela que o consumo de álcool no Brasil atinge cerca de 17% da população, com aumento de 30% entre os anos de 2012 e 2022. Em 2019, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, do IBGE, identificou que mais de 60% dos estudantes de 13 a 17 anos responderam que ingeriram álcool em algum momento nos 30 últimos dias do preenchimento do questionário. Em nosso país, estima-se que 3,5 milhões de pessoas são dependentes de drogas, conforme dados da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas.

Podemos afirmar que vivemos uma epidemia de transtornos relacionados ao consumo de drogas em nível global. O *Relatório Mundial sobre Drogas de 2023*, elaborado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime,

destaca algumas tendências importantes sobre o uso de drogas entre jovens e idosos, dois grupos com distintas vulnerabilidades.

Enquanto a população jovem é particularmente vulnerável (estima-se que 16% dos adolescentes em todo o mundo tenham algum tipo de transtorno mental) por características que englobam pobreza, desemprego, falta de acesso à educação, violência e influências sociais, nota-se também o aumento do consumo de drogas pela população idosa, propiciado principalmente por problemas de saúde, isolamento social, perdas e dificuldades financeiras.

Hoje, sabemos que há uma tendência de aumento global no número de usuários de drogas em todo o mundo, tanto entre jovens, quanto entre idosos. Da mesma forma que o número de pessoas que sofrem de transtornos relacionados ao uso dessas substâncias também tem aumentado em ambos os grupos etários.

Estima-se, por exemplo, que o consumo de bebidas alcoólicas representou um custo para o Brasil da ordem de R\$ 18,8 bilhões em 2019, somando despesas diretas, com tratamento e internações, e as indiretas, com perda de produtividade por mortalidade prematura, licenças e aposentadorias precoces, perda de dias de trabalho por internação hospitalar e licença-médica previdenciária. Para efeito comparativo, no mesmo ano, o custo do Programa Social Bolsa Família foi de R\$ 33 bilhões.

É crucial entendermos que o problema das drogas é muito maior do que um apanhado de medidas de intervenção genéricas em saúde pública. O enfrentamento desse problema depende da capacidade de compreendermos as

particularidades de nossa sociedade e, principalmente, as mazelas de nosso país.

Por exemplo, enquanto o consumo de drogas entre adolescentes é iniciado frequentemente de forma experimental e influenciado pela pressão de grupos de influência, para o idoso, o consumo de drogas abrange mais os problemas crônicos de saúde, tanto físicos como mentais, bem como o seu isolamento e perda de sentido funcional social.

Para a prevenção no grupo dos jovens, a presença do Estado garantindo segurança pública, serviços, previsibilidade de resultado com o investimento no desenvolvimento humano, bem como espaços saudáveis de convivência social e de investimento educacional para a produtividade de recém-ingressos no mercado de trabalho são os pilares estruturais das políticas preventivas. Em contrapartida, a prevenção do uso de drogas em idosos envolve a garantia de seu poder econômico durante a aposentadoria, a construção de espaços urbanos amigáveis ao seu uso, bem como a garantia do suporte às demandas específicas da senescência.

O combate às drogas diz respeito não só a qualidade da assistência em saúde, mas também ao enfrentamento do narcotráfico e de seu poder paralelo, da corrupção de nossas instituições, da punição de todos os estratos sociais responsáveis pela comercialização ilegal, das condições de saúde e educação de nossa sociedade, do respeito aos direitos humanos, da estabilidade social e crescimento econômico. Não há solução para a doença de nossa sociedade enquanto brincamos de Colombina e Pierrot.

### Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))



circcecunha.df@dabr.com.br

## Globalismo e globalização

Poucos sabem, mas o fenômeno da globalização teve início ainda no século 15 com as grandes navegações, período em que a formação dos Estados nacionais, sob o comando de um monarca e com o apoio de uma burguesia nascente, deu as condições materiais necessárias para a exploração de rotas marítimas e comerciais ao redor do mundo. Se anteriormente foram os meios materiais que propiciaram as grandes navegações, hoje a globalização, tão discutida, se faz graças aos avanços nas áreas técnico-científico-informacional (comunicações e transportes), que reduziu o mundo à tão sonhada aldeia global, na qual a integração econômica veio num pacote fechado. A aldeia global tem seus benefícios, mas traz consigo problemas que passam a ser do tamanho do mundo, ou seja, problemas globais.

Com o advento do que os historiadores chamam de terceira Revolução Industrial (avanço da ciência, da tecnologia, da informática, da robótica e da eletrônica), o processo de globalização ganhou um ritmo alucinante, que, em parte, redundou na formação de mercados comuns, na proliferação de empresas transnacionais, consolidando de vez o capitalismo financeiro e gerando profundas transformações tanto no sistema econômico como na organização do trabalho. É fato que o processo de globalização, tanto a partir do século 15, como agora, atende muito mais aos países desenvolvidos do que ao resto do mundo, gerando, assim, um novo e amplo processo de marginalização de boa parte da população mundial.

Nesse ponto, é necessário conhecer as diferenças entre o que é globalização e o que é globalismo. Se o primeiro trata de conexões comerciais, o segundo se refere a um fenômeno de caráter político, ligado também a um movimento de ordem ideológica que busca, entre outras ondas de destruição, acabar com a cultura greco-romana-cristã do Ocidente pela supressão da moral e tradição dessa parte do mundo, substituindo-a por conceitos que visam destruir a família, o sentido de pátria, a religião e todos os costumes que possam servir de obstáculo ao avanço de uma retórica de esquerda, sobretudo a concepção enraizada no Ocidente do individualismo, avesso às superestruturas — ou seja, ao Estado.

O problema aqui é que a globalização trouxe a tiracolo o globalismo, que nada mais é do que a configuração atual do marxismo. De fato, como muitos acreditam, a globalização econômica passou a ser pilotada pelo marxismo cultural. A questão não é de oposição da direita ao globalismo, mas de uma oposição racional ao irracionalismo. Não é destruindo fronteiras dos países, as raízes familiares e toda uma tradição e cultura milenares que será possível erguer algo novo e positivo sobre ruínas.

Na verdade, o que houve foi uma aposta temerária e feita no escuro quanto à globalização. Realizada, em parte, por uma elite liberal avessa à ideia de nações e simpática a ideias marxistas desde que seu quinhão pudesse ser preservado. Para os trabalhadores, a classe na base da pirâmide, a globalização significou a vinda de centenas de milhares, senão milhões, de asiáticos entrando no mercado de trabalho do Ocidente. Trabalhadores altamente produtivos, mesmo ganhando uma pequena fração do que recebia o trabalhador ocidental.

Esses trabalhadores do Ocidente, que, antes, desfrutavam de vida até certo modo cômoda, viram, de uma hora para outra, seu mundo dissolver. Empresas foram fechadas, outras simplesmente transferiram suas sedes para o Oriente, onde os trabalhadores são mais produtivos e disciplinados. O reconhecimento da China como economia de mercado, feito pelo governo brasileiro, mesmo contrariando recomendações, deu o passo inicial para a entrada daquele país em nossa economia, com os resultados que já conhecemos, como a destruição de nossa indústria têxtil, de calçados, de nossas empresas de tecnologia, entre outros estragos.

A chegada da China ao Brasil, feita por motivos puramente ideológicos, provocou um intenso e prematuro processo de desindustrialização e de desnacionalização no nosso país. O Brasil se viu, de uma hora para outra, de produtor da maioria dos bens aqui fabricados para importador de tudo, inclusive de pregador de roupas, pregos, lâmpadas e outros bens. Em síntese, como reforça o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), o comércio internacional do Brasil com a China segue um padrão "centro-periferia, em que o Brasil exporta predominantemente produtos básicos com baixo grau de processamento industrial e importa produtos manufaturados de maior intensidade tecnológica, exacerbando a trajetória de retrocesso industrial do país".

Por outro lado, esses estudos apontam ainda que países em desenvolvimento dependentes de commodities permanecem presos por longos períodos em uma situação de baixo crescimento do PIB e fraco desenvolvimento socioeconômico, instabilidade macroeconômica, alta exposição a choques e à volatilidade dos preços internacionais das commodities, entre outros problemas.

É o preço que pagamos pelo misto de globalização e globalismo armazenados num mesmo container.

### A frase que foi pronunciada:

"A globalização encurtou as distâncias métricas, aumentando muito mais as distâncias afetivas."

Jaak Bosmans

### História de Brasília

A inauguração, ontem, da sucursal dos Diários Associados de São Paulo foi motivo para uma reunião do alto mundo político nacional. (Publicada em 26/4/1962)